

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



RAW

Açores: da natureza à criatividade
O enigmático arquipélago português que precisa de conhecer.

Azores: from nature to creativity
The enigmatic Portuguese archipelago you need to meet.

Riparian House. © Photography: Ariel Huber, Lausanne



ARCHITECTURE BRIO Estética, inovação tecnológica e ecológica. Estes são os pilares da filosofia que norteia o estúdio Architecture BRIO. Liderado por Shefali Balwani e Robert Verrijt, e reunindo uma equipa multidisciplinar que se divide entre os Países Baixos e a Índia, o estúdio oferece soluções de design inovadoras – e sustentáveis – para os mais diversos fins. *§ Aesthetics, technological and ecological innovation. These are the pillars of the philosophy that guides the Architecture BRIO studio. Headed by Shefali Balwani and Robert Verrijt, and gathering a multidisciplinary team split between the Netherlands and India, the studio offers innovative – and sustainable – design solutions for a whole range of purposes.* www.architecturebrio.com

Riparian House. © Photography: Ariel Huber, Lausanne



[See images](#) [Mariana Ribeiro](#)



Shefali Balwani - Robert Verrijt.
© Photography: Ankita Chandra

A singularidade do estúdio Architecture BRIO reside nas diversas origens e culturas que servem de base a diferentes projectos: cada um deles é visto como uma oportunidade para gerar uma mudança positiva no mundo.

Acreditam no design como um processo que envolve um diálogo intenso? Shefali Balwani: Gostamos de pensar no nosso ofício como tendo características “camaleónicas”. Não são as nossas personalidades a predeterminar as intervenções arquitectónicas. Em vez disso, colocamo-nos na pele da comissão e a mudança surge de dentro. Isto só acontece quando nos envolvemos com os parâmetros críticos de um projecto. Não quero com isto dizer que somos completamente neutros na relação entre as partes interessadas, o local e nós próprios; claro que os nossos interesses determinam, até certo ponto, o que vai ser posto em prática.

Por que é que acreditam que a arquitectura deve permanecer como pano de fundo, em vez de ser o centro das atenções? Robert Verrijt: Começámos a nossa carreira no Sri Lanka, onde demos continuidade ao legado do arquitecto Geoffrey Bawa. A sua arquitectura era totalmente oposta ao que aprendi em Delft. Na Holanda, o ênfase era atribuído ao mundo das ideias, na tentativa de as transformar, da forma mais pura, num edifício. Pelo contrário, Bawa criava um ambiente. Dentro do maravilhoso mundo da ilha tropical, o seu propósito era enfatizar e intensificar a experiência da paisagem natural e os fundamentos da arquitectura: luz, material, textura e espaço. Adorámos o facto da arquitectura de Bawa não ter a pretensão de ser mais importante do que aquilo que a envolve. Estes princípios tornaram-se numa das pedras angulares do nosso trabalho.

O vosso estúdio realiza projectos de diferentes tipos, para os mais diversos propósitos. O que é que estes têm em comum? Os “briefs” dos nossos projectos, os climas e as geografias, bem como as culturas de construção não poderiam ser mais diferentes. É essa diversidade que nos mantém na vanguarda e nos torna ágeis.

Como é que envolvem, compreendem e interpretam o contexto específico em que cada projecto se insere? Como temos escritórios em Bombaim e Roterdão, muitas vezes estamos fisicamente distantes da realidade de um local específico. A Índia, onde grande parte do nosso trabalho está localizado, pode ser exaustiva, mas isso nunca pode levar a uma ignorância intencional. Nesse sentido, as visitas que fazemos aos locais são sempre intensas e a compreensão das suas semelhanças e diferenças torna-se num ingrediente importante para

The uniqueness of the Architecture BRIO studio lies in the diverse backgrounds and cultures that underpin the most varied projects: each is seen as an opportunity to deliver positive change in the world.

Do you believe in design as a process that involves intense dialogue? Shefali Balwani: We like to think of our craft as having "chameleon-like" characteristics. Our personalities do not pre-define our architectural interventions. Instead, we put ourselves in the shoes of the commission and change emerges from within. This only occurs when we engage with the critical parameters of a project. This doesn't mean that we play a completely neutral role in the relationship between the stakeholders, the site and ourselves; to some extent, of course, our interests determine what will be put into practice.

Why do you maintain that architecture should remain the backdrop and not the centre of attention? Robert Verrijt: We began our career in Sri Lanka, where we continued the legacy of the architect Geoffrey Bawa. His architecture was the total opposite to what I had learned in Delft. In the Netherlands, the emphasis was on the world of ideas, in an attempt to transform them, in the purest form, into a building. By contrast, Bawa created an environment. Within the wonderful world of the tropical island, his intention was to emphasise and intensify the experience of the natural landscape and the fundamentals of architecture: light, material, texture and space. We adored how Bawa's architecture did not purport to be more important than its surroundings. These principles have become one of the cornerstones of our work.

Your studio develops projects of different types, for the most diverse purposes. What do they have in common? Our project 'briefs', the climates and geographies as well as construction cultures couldn't be more varied. It is this diversity that keeps us at the forefront and ensures our agility.

How do you engage with, understand and interpret the specific context in which each project is inserted? Having offices in Mumbai and Rotterdam, we are often physically distant from the reality of an actual location. India, where much of our work takes place, can be exhausting, but it can never justify intentional ignorance. In this respect, the visits we make to the sites are always intense and understanding their similarities and differences becomes



House on a Stream. © Photography: Sebastian Zachariah



Mumbai Artist Retreat. © Photography: Randhir Singh



House on a Stream. © Photography: Edmund Sumner



Tree House, Tala India. ©2017 Photographix | Sebastian + Ira



projectos futuros. Costumamos sobrepor uma série de tipologias nesses contextos físicos para avaliarmos quais é que provocam uma tensão capaz de revelar o potencial de um lugar. E isso pode ser feito de forma suave, quase invisível (como é o caso da Riparian House) ou de forma intensa e transformadora (como o projecto House on a Stream).

Depois de vários prémios a nível nacional e internacional, qual foi o projecto premiado que vos deixou mais orgulhosos? O projecto “House on a Stream” foi a primeira obra construída depois de abrimos a nossa própria empresa e foi imediatamente destacada pelos media internacionais. Foi aqui que aprendemos a lidar com a indústria de construção indiana, passando a conhecer as suas lacunas organizacionais, como a escassez de um padrão de qualidade, tanto em termos de material, como de mão-de-obra, o que é dado como certo no Ocidente. Por outro lado, passámos a valorizar as possibilidades que ela nos oferecia para improvisar, customizar e trabalhar directamente com pedreiros, artesãos e carpinteiros.

A propósito do nosso tema de capa “Raw”, como é que acreditam que o orgânico, o “cru” e o artesanal podem continuar a ser protagonistas nos vossos projectos à medida que surgem soluções inovadoras? Acreditamos que as matérias-primas devolvem o nosso olhar a uma origem e a uma valorização da importância do nosso mundo natural. Não adianta ficar emocionado com os métodos de construção tradicionais e com os materiais naturais porque o mundo mudou e as circunstâncias em que as construções são feitas também. Portanto, só com tradução, interpretação e modificações é possível manter esses materiais plenos de possibilidades. ^A

an important ingredient in future projects. We usually overlay a number of typologies in these physical contexts in order to gauge which ones trigger a tension capable of unveiling a site's potential. And this can be done in a gentle, almost invisible way (as is the case of Riparian House) or in an intense and transformational way (like the House on a Stream project).

After receiving several national and international awards, which award-winning project are you proud of? ‘House on a Stream’ was the first project built after we launched our own enterprise and it was immediately acclaimed by the international media. It was here that we learned how to deal with the Indian construction industry, learning about its organisational shortcomings, such as the absence of a quality standard, both in material and labour terms, which is taken for granted in the West. On the other hand, we began to appreciate the possibilities it offered us for improvising, customising and working closely with masons, craftsmen and carpenters.

With regard to our cover theme ‘Raw’, how do you consider that the organic, the ‘raw’ and the artisanal can continue to be protagonists in your projects as innovative solutions arise? We believe that raw materials revert our gaze to an origin and an appreciation of the importance of our natural world. It's no use getting sentimental about traditional construction methods and natural materials because the world has changed and so have the circumstances in which construction is carried out. Therefore, it is only through translation, interpretation and modifications that these materials can remain full of possibilities. ^A

SÃO MIGUEL PICO FAIAL



Oito dias, três ilhas e uma sede insaciável de saber mais sobre este pedaço de terra suspenso no Atlântico. Campos exuberantes, lagoas lendárias, uma arquitectura paisagística que nos leva a serpentear os seus caprichosos arcos montanhosos, num patchwork desenhado pelo basalto, onde o mistério e a misticidade acusam as suas propriedades sobrenaturais. Mas nem só na Natureza reside o seu encantamento, também a arte e a criatividade parecem esbater fronteiras, impregnadas na identidade anímica de quem lá nasce, e ainda de quem lá chega e não quer partir. Fomos à descoberta dos nomes, dos lugares e dos projectos que não só complementam, como sublimam, esta epopeia insular. Talvez porque, como João de Melo escreveu, “somos mais mortais nas ilhas do que nos continentes, longe do mar. Mas é também nas ilhas que a paixão da vida mais se eleva em nós, nessa nossa condição mortal.”

Eight days, three islands and an insatiable thirst to learn more about these pieces of land suspended in the Atlantic. Lush fields, legendary lagoons, a landscape architecture that invites us to meander over their whimsically arching mountains, in a basalt patchwork, where mystery and mysticism reveal their supernatural properties. But the fascination of these islands lies not only in nature. Art and creativity abound, blurring boundaries, imbued in the spiritual identity of those born there, but also of those who arrive and feel disinclined to leave. We went in search of names, places and projects that not only complement, but also heighten, this island epic. Perhaps because, as João de Melo writes, “we feel more mortal on the islands than on the continent, far from the sea. But it is also on the islands that the passion for life soars in us, in our mortal condition.”

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



RAW

Açores: da natureza à criatividade
O enigmático arquipélago português que precisa de conhecer.

Azores: from nature to creativity
The enigmatic Portuguese archipelago you need to meet.